

Orides Fontela - Poesia e Consciência Demais do Ser

Everton V. Machado

Orides Fontela nasceu em 1940, em São João da Boa Vista, interior do estado de São Paulo. Filha de operário e dona-de-casa, muito pobres, formou-se em Filosofia pela Universidade de São Paulo, a USP. Herdou

“do pai:
um martelo
um alicate
uma torquês
duas flautas.

Da mãe:
um pilão
um caldeirão

um lenço”, como inventariou à luz do poema. Quando em 1988 a extinta coleção Claro Enigma, da Livraria Duas Cidades, reuniu num só volume a sua produção poética, de até então quatro livros, sob o título de *Trevo*, era bibliotecária na periferia da capital paulista. Essa mulher, “uma proletária autêntica” (segundo as próprias palavras), nunca iria, *et pour cause*, fazer “poesia dita social”, mas “metafísica”, ainda que desaprovasse nos últimos tempos tal defini-



ção e
bebesse regularmente na fonte de Kant, Sartre ou Heidegger.

Há muitos anos, acho mesmo que pela altura da publicação de *Trevo*, fã e assinante incondicional

da (também extinta) revista *Leia*, conheci, não sem o descomedido assombro de adolescente, Orides Fontela. Era uma entrevista de umas quantas páginas, com poemas reproduzidos. De lá (da entrevista), a palavra saía amarga, pesada, torturada, ao passo que o ser era leve, levíssimo (dos poemas). Uma vida muito difícil, feia mesmo (marcada por depressões, doenças e dificuldades materiais), e uma poesia tão límpida, bela. Penso agora no poema de Yeats “A Escolha”, que é “entre aperfeiçoar a existência ou a obra”. E logo no *Trevo*, aberto ao lado do computador, a própria Orides quem diz “vão onde ninguém mais - vivo em luz mínima”. Optara pela obra? Não, as alternativas do irlandês em realidade não existem. É verdade que jamais se explicou direito por que nos saímos bem numa para fracassar na outra, mas a abnegação do verdadeiro escritor, sabemos, é bem mais que um objeto de escolha.

Alguns críticos vêm na poesia de Orides Fontela um questionar contínuo sobre o ser mesmo da poesia, e por isso comparam a escritora a Celan. Cuido que as indagações feitas pelo romeno, impregnadas de sua consciência trágica e fatalista, não acreditam no vão, na resposta que pode subtrair a consciência ao confinamento da condição humana. Orides, por seu lado, voa:

“O Verbo?
Embebê-lo de denso
vinho.

A vida?
Dissolvê-la no intenso
júbilo”.

Em seu primeiro livro, *Transposição*, advertia: Tudo/será difícil de dizer:/a palavra real/nunca é suave.//Tudo será duro:/luz impedosa/excessiva vivência/consciência demais do



Orides Fontela

ser". Essa "consciência demais do ser" precisaria para ela do verbo, da palavra, do signo, para ser de menos.

Nos poemas publicados por *Latitudes*, o leitor encontrará talvez o objeto de escolha de Orides Fontela, nesse verso "denso, breve, fulgurante", como bem definiu nosso Antônio Cândido. Em francês, foi traduzida por Emmanuel Jaffelin e Márcio de Lima Dantas (*Trêfle*, Harmattan, 1998). Em português, *Trevo* foi reeditado há dois anos pela Editora 34 e reúne *Transposição* (1969), *Helianto* (1973), *Alba* (1983), *Rosácea* (1986). Só mais um livro compõe sua obra, *Teia*, publicado em 1996, dois anos antes de sua morte num sanatório de Campos do Jordão.

Helianto

Cânon
da flor completa
metro / valência / rito
da flor
verbo

Círculo
exemplar de helianto
flor e
mito

ciclo
do complexo espelho
flor e
ritmo

cânon
da luz perfeita

capturada fixa
na flor
verbo.

Flama

Tensa
uma flama
no denso silêncio
vela

imóvel
brilha
intensa vigília
áurea

esfera
cálida
- brilho e
sigilo -

no intenso
silêncio
vibra e
vela.

Lenda

Na raiz cega deste espanto
há um cristal: quem o fitar

ah, quem o fitar
com os olhos em sangue
com as mãos em sangue
com o sangue vivo

quem o fitar não dormirá
mas será cristal de espanto

- ficará lúcido para sempre.

Pouso (II)

Difícil para o pássaro
pousar
manso
em nossa mão - mesmo
aberta.

Difícil difícil
para a livre
vida
repousar em quietude
limpa
densa

e ainda mais
difícil
- contendo o
vôo
imprevisível -

maturar o seu canto
no alvo seio
de nosso aberto
mas opaco

silêncio.

CDA (Imitado)

Ó vida, triste vida!
Se eu me chamasse Aparecida
dava na mesma.

